

UM OLHAR SOBRE A POBREZA DA CIDADE DE TERESINA A PARTIR DO ROMANCE “PALHA DE ARROZ”, DE FONTES IBIAPINA

Maurício Feitosa dos Santos*

RESUMO

Este artigo pretende explorar o romance “Palha de Arroz” (1968) do escritor e magistrado piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina com a intenção de investigar, considerando o diálogo entre história e literatura, as relações sociais e o cotidiano nos bairros periféricos de Teresina, capital do Piauí, na década de 1940 e início dos anos 1950. Nesse período, ocorreram diversos incêndios em casas de palha nos bairros pobres vizinhos ao centro urbano, incêndios estes que teriam a intenção de espalhar o medo entre os pobres e força-los a se estabelecerem em lugares mais afastados, abrindo caminho, assim, para a modernização da cidade. Fontes Ibiapina, ao tematizar os pobres nos subúrbios, narra o cotidiano, o trabalho, o crime e a prostituição, e através de seus personagens faz uma reflexão sobre o pobre e a sua condição de pobreza na Teresina da metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, pobreza, cidade.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the novel “Palha de Arroz” (1968), written by magistrate João Moura Nonon Fontes Ibiapina. The intention is to investigate, considering the dialogue between history and literature, social relationships and daily life in the outskirts of Teresina, capital of Piauí, in the 1940s and early 1950s. During this period, several fires occurred in poor districts neighboring the city center. Such events were understood as a way of pushing the poor away from the center through fear, paving the way for the modernization of the city. Fontes Ibiapina thematizes the poor suburbs, chronicles the daily life, work, crime and prostitution and, through its characters, reflects on the poor and the condition of poverty in mid- twentieth century Teresina.

KEYWORDS: Literature, poverty, city.

* Mestrando em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em “Estado, Movimentos Sociais e Cultura” pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: mauricio.feitosa@hotmail.com. Endereço: Conjunto Parque Piauí, Quadra L Casa 02, Teresina, Piauí CEP: 64.025-100.

Quando chegou a Teresina, no início dos anos 1940, aos 21 anos, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina talvez não imaginasse que a capital do Estado, outrora edificada em local cuidadosamente escolhido e planejada para ocupar o *status* de “capital”, vivesse assombrada por incêndios.¹ Talvez não imaginasse, ainda, que a pobreza se apresentava de modo tão ostensivo nas ruas da cidade e nos seus subúrbios.

Nascido em 14 de junho de 1921, na fazenda Lagoa Grande no município de Picos, no centro-sul do Piauí, o jovem João Nonon Ibiapina escolhe a capital do Estado para continuar seus estudos, uma vez que, àquela altura, apenas tinha o primário completo. Teve sucesso em seu percurso. Concluiu os estudos secundários no Colégio Diocesano “São Francisco de Sales” e se tornou Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí em 1954. Exerceu a magistratura em diversas cidades do interior, ao tempo em que cultivou o gosto pelas letras, pelo folclore e cultura sertaneja do povo piauiense. Entre o jovem “João Nonon” e o reconhecido magistrado e escritor “Fontes Ibiapina”, o encontro inicial com a Teresina dos anos 1940 marcaria sua vida de modo particular; a experiência da observação em meio à novidade da vida urbana em Teresina e a atividade como magistrado seriam, nos anos que se seguiram, matérias fundamentais para sua escrita literária, especialmente no romance *Palha de Arroz* (1968).²

Anos depois de sua chegada, no início dos anos 1950, por ocasião do centenário de Teresina (ocorrido em 16 de agosto de 1952), o escritor Hindemburgo Dobal, historiando o cotidiano da capital piauiense, constatava que muito pouco se sabia sobre sua periferia e sobre o que se passava com a gente pobre que lá habitava. Registrando em prosa o seu olhar sobre o que conhecia e observava, no texto *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*, comenta:

Quanto aos bairros ninguém sabe como nasceram ou como vivem. Alguns são antigos, outros surgiram há pouco tempo. Por enquanto, na margem do Poti, onde moram pescadores, em 1920 era “um lugarejo nas proximidades de Teresina”; Vermelha, ou Planalto da Vermelha como fica mais pomposo, onde há terreiros de macumba, é antigo. Piçarra, que prosperou muito e tem mercado, grupo escolar, cabarés, é novo e populoso. Ao lado está se formando um bairro elegante, ainda

¹ O historiador Francisco Alcides do Nascimento estudou os incêndios ocorridos em Teresina no período do Estado Novo e o processo de modernização da cidade em curso naquele momento. Cf.: NASCIMENTO, 2002.

² Utilizamos aqui a 5ª edição da obra publicada em 2007.

sem nome, Cajueiros ou Santa Luzia dos Cajueiros, tumultuoso e célebre na crônica policial, onde imperava outrora Pedro Toco, tão conhecido e exaltado por suas façanhas de aleijado valente, parece em decadência. Palha-de-Arroz, mal afamado e perigoso, na margem do rio Parnaíba, de malandros, marinheiros, mulheres-dama, faz vida noturna. Vende peixe frito, cachaça, panelada, frutas, dança e briga. Brigas muitas vezes sangrentas. Em todos estes bairros, em casebres de palha, vive uma humanidade muito pobre e em todos eles existe uma quantidade espantosa de crianças e cachorros (DOBAL, 2007: 14, 15).

Tal humanidade muito pobre, suburbana, pescadora, malandra, “da vida” e de muitos feitios, compartilhando os sabores e dissabores da vida, como nos conta o literato, era e continua sendo dita assim mesmo: como “pobres”. Quando o historiador social se encontra diante de fontes consideradas oficiais, ou mesmo jornalísticas, em geral, produzidas pelas elites intelectualizadas e economicamente hegemônicas, é comum encontrar referências ao sujeito coletivo: “a pobreza de nossa terra”, o “povo sofredor” ou, simplesmente, o “povo”, dito assim, bem genericamente, como que reconhecendo que a maioria da população constituía-se de pessoas que vivenciavam algum tipo de dificuldade diária para manterem a si e as suas famílias, sem luxos ou com muito pouco, sobretudo em épocas nas quais a carestia de tudo o que era mais necessário à vida e “outras agruras”, como o crime, a prostituição e os incêndios nas casas dos pobres, marcavam o cotidiano.

A literatura tem se mostrado muito rica para os historiadores, fornecendo não apenas matéria para reflexões no seio da própria construção e imaginação literária e cultural, como também explicitando aspectos relativos aos “valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo” (FERREIRA, 2001: 61). Nesse sentido, afirmar que a produção ficcional da literatura é filha do seu tempo é tão coerente quanto o pressuposto vale para a História. Como afirma Bronislaw Geremek, ao discutir o uso da literatura como fonte no livro *Os filhos de Caim*, a “literatura [especialmente a que utiliza em seu estudo] origina-se evidentemente na realidade social” (1995: 11) e, desse modo, não pode ser vista tão somente como um produto da imaginação e da ficção. Semelhante perspectiva alimenta o nosso olhar sobre a literatura. Até mesmo a ficção mais radicalmente inventiva ou aparentemente distante de “uma realidade histórica” específica pode nos dizer algo sobre como o seu produtor

pensa sua sociedade, como as relações sociais e culturais se processam, o que era comum e consensual a ponto de ser reafirmado ou criticado, mesmo que isto seja feito a contrapelo.

O historiador Sidney Chalhoub (2003) nos proporciona uma boa reflexão sobre o modo pelo qual essa relação entre literatura e história opera no ofício do historiador, ao analisar a produção literária machadiana. Segundo ele:

A releitura de Machado, mediada por vários anos de pesquisa sobre a história social do Rio no século XIX, foi dessas experiências intelectuais que não passam, e ainda assim deixam saudade. Surpreso, encontrava naqueles textos exposição detalhada das políticas de dominação social que buscava reconstituir a partir de outras fontes históricas; perplexo, percebia ali muita alegoria e reflexão sistemática sobre a experiência social de escravos, dependentes e outros sujeitos que, dizia-se, não estavam no centro da obra de Machado. (2003: 9,10)

Como observa Chalhoub, Machado produziu em sua obra alegorias e reflexões sobre a experiência social de sujeitos históricos que muitos não enxergavam, ao tempo em que dava detalhes de como funcionava a sociedade carioca do final século XIX, ou pelo menos parte dela. Nesse sentido, é necessário acentuar que é na análise, portanto, do que é periférico em uma obra, na mesma medida em que buscamos seus aspectos centrais, que o historiador pode localizar as peculiaridades da experiência histórica, em detalhes nos quais o literato inevitavelmente imprimiu as marcas das relações sociais de seu tempo, intencionalmente ou não, de modo alegórico ou explícito.

No romance *Palha de Arroz*, publicado originalmente em 1968, tematizando o bairro homônimo, Fontes Ibiapina, nome pelo qual o autor ficou conhecido³, narrou o cotidiano do “povo” reproduzindo muitos adjetivos correntes na imprensa local. Entretanto, não reproduzia os adjetivos pelos quais os pobres eram caracterizados com a intenção de reiterar a opinião da imprensa; é possível perceber a crítica ora explícita, ora a contrapelo, a tal opinião.

³ Roger Chartier ressalta as três noções constituintes do discurso literário moderno que associam obra, autor e comentário, destacando que “a função-autor é o resultado de operações específicas e complexas que referem a unidade e a coerência de uma obra, ou de uma série de obras, à identidade do sujeito construído” (2000 : 199). Robert Darnton também analisa a construção de uma obra e de um autor como clássicos, ao estudar o processo pelo que uma obra se destaca das outras e ocupa um lugar de relevância em “História e Literatura” (2010: 320-337).

Os acontecimentos narrados teriam lugar temporal em meados dos anos 1940, período no qual o Piauí foi governado por interventores escolhidos pelo presidente (então ditador) Getúlio Vargas, sobretudo durante a interventoria de Leônidas de Castro Melo, momento em que diversos incêndios ocorreram em casas de palha na periferia da cidade. Estes incêndios teriam sido motivados pela tentativa, clandestina e ocultada da elite dirigente do Estado, através da polícia local, de retirar os pobres das proximidades do centro da cidade, empurrando suas habitações para áreas mais distantes e propiciando a “higienização” e modernização da capital, fatos que, gerando medo generalizado na população pobre, mantiveram-se por muito tempo silenciados, emergindo de modo difuso anos depois.

O romance, entre a literatura e a história, foi um dos responsáveis por fazer emergir acontecimentos que por anos (e até bem pouco tempo, ainda) mantiveram-se aos cuidados do silêncio⁴. Antes de analisar alguns de seus elementos, cabe fazer um breve resumo sobre a narrativa. O romance, narrado em terceira pessoa e com um narrador conhecedor dos pensamentos dos personagens, conta a história do negro Pau de Fumo, um malandro que fazia da gatunagem seu meio de vida, praticando pequenos furtos para sobreviver. Ele morava numa palhoça no bairro Palha de Arroz com a mulher Genoveva – com quem se casou sob as bênçãos da Igreja Católica – e seus três filhos pequenos. Pau de Fumo na verdade era o vulgo de Chico da Benta (que poderia ser a forma contraída de Francisco filho de Dona Benta), um sujeito que realizou os estudos primários no Colégio Diocesano “São Francisco de Sales”, um dos mais importantes de Teresina, e que teve a má sorte de perder o pai prematuramente, razão da consequente pauperização que o levou ao delito. Seus únicos amigos, ou melhor, seu círculo de amizade mais evidente é composto pelo negro Parente, estivador que fazia bico como “pescador de defuntos” no rio Parnaíba em troca de algum dinheiro; e por

⁴ Segundo o historiador Francisco Alcides do Nascimento, “o primeiro trabalho sobre os incêndios data do início da década de 1950. Trata-se do conto *Fogo*, de Vítor Gonçalves Neto, publicado fora dos limites do Piauí. Na década seguinte, Fontes Ibiapina escreveu o romance *Palha de Arroz*. [...] o jornalista Afonso Ligório publicou *Tempos de Leônidas*, procurando ressaltar as qualidades do homem, do médico e o interventor Leônidas de Castro Melo, eximindo-o de qualquer responsabilidade sobre os incêndios [...]. Em virtude da realidade local, as marcas deixadas pelos acontecimentos nos segmentos sociais da população mais pobre, bem como a repressão policial aos envolvidos nos incêndios devem ter contribuído para o que se interpreta como silêncio [a respeito dos acontecimentos]”(NASCIMENTO, 2001: 130).

Maria Preá, uma prostituta “pobre que só ela” com quem tinha um caso extraconjugal e na casa de quem volta e meia se escondia da polícia.

Após uma de suas peripécias ilícitas, Pau de Fumo se viu obrigado a se entregar a polícia que, não encontrando o “negro safado”, havia resolvido prender sua esposa, Genoveva, mulher de honra inquestionável, o que ressaltava a atitude autoritária da polícia no sentido de atingir seu objetivo imediato: prender o gatuno, nem que para tanto tivesse que prender um inocente para chegar até ele. Na noite que passou na cadeia, em meio às torturas físicas, eis que surgiu um fato que lhe castigou os miolos: mais um incêndio na Palha de Arroz. Das grades da prisão, observou as chamas consumirem as casas bem na região onde ficava a sua palhoça. Sem poder ajudar a sua família e os seus vizinhos a retirar os pertences antes que as chamas os consumissem, Pau de Fumo foi surpreendido com a notícia de que a tragédia afigurava-se maior que imaginou, pois Zefinha, a sua filha mais nova, “a negrinha cheirosa do papai”, havia morrido no incêndio.

Com a perda da filha, sua esposa enlouqueceu. Inicialmente, Pau de Fumo entregou-se à bebedeira e aos delitos, abrigando-se sempre no barraco de Maria Preá. Tempos depois Maria Preá foi embora para a Bahia, o negro Parente, para o Mato Grosso, tentar a vida no garimpo. Genoveva, inebriada pela loucura, suicidou-se. Pau de Fumo resolveu abandonar o vulgo em nome de uma nova vida como Chico da Benta. Ao lado de Conceição (viúva de Zé Remador que havia fugido de casa para livrar-se dos maus tratos da madrasta Maria Gorda e do pai Fabrício), Chico da Benta esforçava-se em ter uma vida honesta, mas enredado na pobreza da qual não conseguia se livrar e assistindo ao agravamento contínuo de sua condição de vida, volta a furtar, emergindo Pau de Fumo com o seu bordão salvador: “quando me aperto, me desaperto na primeira oportunidade”. Ao fim, e após muitas peripécias, foi expulso de Teresina sob pena de, caso permanecesse, encontrar a morte certa. Em virtude disto, dois policiais o escoltaram até Timon (cidade maranhense vizinha a Teresina). Entretanto, sobre a ponte metálica que liga as duas cidades, Pau de Fumo chegou à conclusão de que “se era de um sapo viver chorando de fome e ouvindo a sapa velha e seus sapinhos chorando de fome a vida toda, melhor morrer. E o melhor lugar era aquele”. Chamou os guardas que o escoltavam de “Filhos de uma puta”, soltou uma gargalhada e suicidou-se pulando no rio Parnaíba.

Feito este breve resumo da obra, passemos então a algumas considerações sobre o olhar do literato sobre o cotidiano e a pobreza em Teresina.

Um Cotidiano de Pobreza e Misérias

A narrativa é marcada pelas descrições e reflexões sobre o pobre e a pobreza. Logo nas primeiras linhas, o leitor é introduzido na quietude carregada que quase imobiliza o tempo no fim de tarde teresinense, a ponto de exercer um peso enorme sobre os sujeitos, e como que levando ao universo cotidiano da cidade e dos seus pobres.

Ruas quietas dentro duma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres. O sol assim como se enferrujado. Quase mesmo que querendo se apagar de todo. Era uma coisa como se o próprio tempo estivesse de propósito para abafar o movimento daquelas vivalmas que por ali labutavam e faziam outras coisas. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranquilidade. Já a tarde ia-se findando. E não aparecia um vivente para fechar o ponto do dia, ou mesmo abrir o programa da noite que já vinha vindo bem perto. Tudo silente. Tudo parado que nem água de poço (IBIAPINA, 2007: 11).

É possível perceber que a quietude era incomum naquele dia, destoando do agitado cotidiano do bairro Palha de Arroz e de seus arredores. Insinua o narrador o autor que a tranquilidade “nem de longe” poderia ser uma característica atribuída aos pobres, sobretudo no seu lugar de morar ou nos lugares onde desenrolam a sua existência. A tranquilidade que pesava sob os ombros dos pobres poderia ser uma singularidade do fim de tarde, ou seja, do fim de uma jornada de trabalho para os que trabalhavam, no limiar de tempo que separava o trabalho das diversões que a noite guardava, diversões consideradas promíscuas. Tranquilidade que poderia também se assemelhar à expressão do cansaço de uma vida de labuta, de uma vida de luta pela sobrevivência.

Aquele era o momento no qual os trabalhadores dos armazéns à beira do rio Parnaíba, o “velho monge” como era conhecido, finalizavam suas últimas atividades. Os

estivadores “trabalhavam dando os últimos pospontos em sacos de oiticica, cera de carnaúba, babaçu” (Idem). Em meados da década de 1940 a economia piauiense era em grande medida agitada pela exportação destes produtos⁵, cuja mão-de-obra, como a dos estivadores, era oriunda das zonas suburbanas da capital.

Ainda refletindo sobre aquele momento que se apresentava também como o limiar que separa o trabalho do descanso e da diversão nas zonas⁶, enfatiza a semelhança entre o homem e seu instrumento de trabalho, marca uma ideia muito corrente nas mentes dos que observam o cotidiano da pobreza: a associação entre o pobre e a prostituição.

Vareiros encostavam canoas às ribanceiras. Para dormirem amarradas. Vareiros e canoas... duas coisas parecidas e que se completam tanto no serviço como em gozo de descanso. Destinos parecidos. Ambos forcejam o dia todo duma margem à outra do rio. À noite, os dois amarrados. Elas em correntes, eles nos braços de quem quer que seja (Ibid.: 12).

Naquele fim de tarde, o negro Parente terminando sua tarefa junto aos outros estivadores rumou para o rio, “jogou os panos fora e caiu n’água para derreter, mesmo sem sabão, ao menos a metade do grude” (Ibid.: 11). Os carroceiros que ali se juntavam para dar o jantar aos burros, seu instrumento de trabalho, “atiraram-lhe pilhérias pesadas”. E assim o negro Parente deu logo notícia das mães dos carroceiros. Aqui o narrador faz uma observação em tom de constatação: nenhum dos carroceiros se

⁵ Segundo o economista Raimundo Nonato Monteiro de Santana, “a participação percentual da produção extrativa vegetal [na economia piauiense] era, em 1947, de 62%; passou a declinar, representando, em 1955, 11,2% [...]” (p.117). No final dos anos 50, o Piauí possuía uma das mais baixas rendas *per capita* do País. Esses dados são importantes para nos ajudar a compreender o agravamento da situação de pobreza em Teresina, e no Piauí de um modo geral, uma vez que o comércio extrativo movimentava a vida econômica e social da capital piauiense tanto quanto das regiões produtoras e exportadoras do Estado. Cf. SANTANA, 2001: 117-133.

⁶ Dentre os principais prostíbulos do período, também citados na obra como lugares característicos de prostituição e pobreza, estão: *Curral-das-Éguas*, *Cai-n’Água*, *Balança-Cu*, *Quatorze-Bandas*, *Rala-Pau*, *Pau-não-Cessa*, etc. O historiador piauiense Bernardo Pereira de Sá Filho estudou o circuito do prazer em Teresina no período de 1930 a 1970, localizando estes prostíbulos como lugares de sociabilidades importantes na periferia da cidade. A boemia, entretanto, era exercida e uma característica do circuito do prazer da elite, simbolizado pelas casas de prostituição maior fama que se localizavam no centro da cidade, especialmente a Rua Paissandu (SÁ FILHO, 2006). Para Pau de Fumo, a diferença fundamental entre a prostituta Maria Preá e as “gatas da Paissandu”, era que elas eram amancebadas até com doutor de posição, dormiam em colchão de molas. Maria Preá, entretanto, “era uma fuampa pobre. Mas que isto, apesar de bonitinha. Sem sorte. Nunca que passou duns fiangos de tipóia, uma muda de roupa e um par de tamancos” (IBIAPINA, 2007: 17).

ofendeu com os dizeres do “negro safado” porque, nos subúrbios, “da Barrinha para Palha de Arroz, quase que ninguém falava outro português. Era só aquele deboche sem cabimento”. E isto tinha uma explicação que se apresenta como o resultado de um cálculo cujas variáveis são conhecidas: “Também!... Qual seria outro prazer em bairro tão pobre?!” (Idem). A conclusão do literato denuncia o modo pelo qual costumeiramente se olhava as classes subalternas: um olhar de desaprovação e desqualificação. A linguagem chula dos pobres, entretanto, insinua sociabilidades regidas por outros elementos comunicativos que não a polidez da norma culta da língua. É o que o literato pretende mostrar: uma linguagem que pode dissolver hierarquias ou acirrar tensões entre os próprios sujeitos, mas que também evidencia a proximidade característica dos pobres na sua coletividade, proximidade que nasce das experiências compartilhadas.

Em meio àquela pobreza e uma característica dela, o narrador enfatiza a incontida sensualidade do rebolado de Genoveva, esposa de Pau de Fumo, com “as ancas dentro duma saia de chita”. Toda vaidosa, “dengosa de faceira!”, carregando lata d’água na cabeça com o pescoço duro e meio torto como que realizando um equilíbrio delicado que evitava molhar-se toda, e ressaltar ainda mais a sensualidade de seu corpo. Nesse momento, passa Pau de Fumo correndo em disparada que nem sequer olhou para “seu xodó”, Genoveva.

O crime, que desempenha papel fundamental na obra e configura-se como um dos elementos caracterizadores do cotidiano dos pobres no subúrbio de Teresina, ganha a cena. Nele, Pau de Fumo, “o gatuno mais safado da Palha de Arroz” é considerado profissional, pois “estava dentro do programa do seu meio de vida”. Notamos que este “programa” contava com a habilidade de afanar o que era dos outros de modo tão leve e suave que não era percebido de imediato. Contava, ainda, com a habilidade de azeitar as canelas, correndo nos becos por entre aquela buraqueira no interior do bairro Palha de Arroz. Além da coragem de, se fosse preciso, atirar-se no poço da Usina Elétrica desativada, pois preferia morrer afogado a ser pego e “dar o couro às varas” na polícia.

Mas Pau de Fumo, outrora Chico da Benta, havia estudado. E sempre que fazia das suas, logo incorporava Chico da Benta num lance de análise sociológica de sua

condição. Numa terra onde tudo podia e devia haver com fartura, que injustiça morrer de fome, refletia. A crítica vem em seguida:

Tanta gente por aí afora falando em fim da Ditadura!... Pra quê?!... Tanta gente falando em Democracia!... Liberdade... Pra que também?... se os homens na certa seriam os mesmos. De nada adiantava mudar as coleiras e serem os mesmos cachorros. A democracia que devia haver era a Democracia de Pão, Liberdade de Vida, Direito de Viver (Ibid.: 14).

Em meados dos anos 1940, a oposição ao regime ditatorial fazia duras críticas ao regime e propagandeava a necessidade de retorno da democracia. Nas entrelinhas, é possível analisar que, Chico da Benta, impondo-se à Pau de Fumo, chega à outra conclusão: que isso tudo era balela politiqueria (“De nada adiantava mudar as coleiras e serem os mesmos cachorros”). Nada mudaria na sua vida e na de muitos outros que compartilhavam com ele a condição de pobre. A democracia e a liberdade almejada, também não valeriam de nada se não garantissem o direito de viver, se não espantassem para longe a fome cotidiana. Após cada reflexão, uma áspera repreensão a si: “Diabo! Para que um dia estudara!?”. Tal repreensão também poderia ser interpretada como: qual o significado da educação na vida de um pobre? O desenrolar dos fatos narrados na obra apontam para uma resposta pessimista: refletir sobre a sua condição apenas, o que Chico da Benta faz, via-de-regra, após Pau de Fumo se desapertar, ou nos momentos em que a agudeza da condição exige a introspecção. Na crítica velada do literato, a educação deveria ser mais que isso.

Fugindo como estava da polícia, abrigou-se na casa de Maria Preá, “a mulher mais pobre da Barrinha, um dos mais pobres bairros de Teresina, capital deste pobre Piauí de sorte encolhida que nem correia de fogo” (Ibid.: 18). Dividiu com Maria Preá a única rede que ela possuía. Pela manhã, depois de tomar seu rumo, teve a notícia de que a sua Genoveva havia sido presa injustamente pelos Guardas. Ao se apresentar ao Comissário de plantão, o senhor Eugênio, “ruim que só falta de fôlego”, o dito comissário ordenou que soltassem da mulher, mas antes procedeu a devida “lavagem moral” que o caso requeria, ou seja, despejou sobre Pau de Fumo e Genoveva “um grande e bonito banho de palavrões” (Ibid.: 20). Entretanto, os pensamentos de Pau de

Fumo ligavam-se apenas ao aspecto desterrado de Genoveva, os cabelos assanhados, suja e com o vestido em tiras. O que teriam feito com ela, pensou. E foi além, como Genoveva, uma mulher honesta, poderia sair dali naquele estado. A preocupação de Pau de Fumo tinha sentido. Palha de Arroz era um bairro de “homens depravados” que amparam mulheres pobres com intenções libidinosas.

O gatuno segue refletindo sobre sua pobreza, após observar de sua cela mais um incêndio no Palha de Arroz, sem, entretanto, poder ajudar sua mulher e filhos a salvar seus míseros pertences:

Miséria! Por isso que o povo diz: a cuia do pobre só cai emborcada e o pão com a manteiga pra baixo. Ora que besteira!... Quem já viu hoje pão de pobre com manteiga!? Pobre hoje já não tem nem pão! É isso mesmo. A sorte só dá toicinho a quem não tem jirau. Tanta gente sem necessidade alguma de roubar pra viver, e ali fazendo e acontecendo. Merda! A sorte só dá toicinho a quem não tem jirau (Ibid.: 35).

Mas não eram apenas os viventes do bairro Palha de Arroz e Barrinha que exalavam pobreza. O narrador evidencia também a pobreza material da cidade de Teresina ao falar de seus problemas, por exemplo, a falta de eletricidade:

Já ia para três anos, ou mais qualquer coisa, que as lâmpadas feriam. Mas até que as ruas estavam claras naquela noite. Era uma Lua bonita!... Palha de Arroz, tranquila, parecia um arraial antigo dentro da madrugada. Lá no meio do céu, redonda e bonita, a Lua parecia um disco. Um disco cantando uma canção. Uma canção que poetas não escreveram nem músicos compuseram. Canção de luar de lua cheia por cima duma capital sem luz elétrica (Ibid.: 52).

Nos anos 1930 e 40, a Usina Elétrica gerava energia pelo menos para a iluminação pública noturna até por volta das 9 horas da noite, quando as sirenes tocavam e as luzes se apagavam em alguns minutos. Uma expressão muito conhecida dos contemporâneos, segundo o historiador Bernardo de Sá Filho, era a que dizia “soltaram a onça”, um alerta para que as pessoas de bem, especialmente as moças de família retornassem rapidamente as suas residências e zelassem por sua honra, uma vez que depois daquele horário, apenas mulheres de má fama e homens de índole duvidosa

transitavam pelas ruas (SÁ FILHO, 2006: 36). A crítica da falta de eletricidade para a iluminação pública na cidade devia-se ao constante mau funcionamento do sistema, precário e ineficiente, que deixava a cidade por bastante tempo sem a iluminação pública. A ausência de luz numa cidade com status de capital de estado contrasta com os ares de arraial atribuído ao conturbado, e por hora, tranquilo bairro Palha de Arroz, iluminado pela luz do luar.

A tranquilidade momentânea que experimentava o bairro Palha de Arroz era devido à agitação que marcava a cidade vizinha de Timon no Maranhão [outrora conhecida com São José das Flores] tendo em vista a realização de seus festejos. Todos atravessaram o rio nos canoieiros para as novenas de São José. Lá, para Pau de Fumo, o que havia era

Animação. Namorados de braços dados no meio daquele povão. Liberdade à vontade – até mesmo quase no patamar da igreja. Gente de todas as classes, de todos os tipos, de todos os quilates, de toda natureza. De todas as camadas – da fina, da intermediária, da baixa. Aquilo sim!... era que era liberdade. Delegado, Prefeito e demais autoridades da cidade fechavam os olhos a tudo. Lá por longe – por detrás da igreja, pelas encostas do mato – casais e mais casais palestrando à vontade. Trocando promessas, beijos, abraços, amores... (IBIAPINA, 2007: 53).

Mais um momento de reflexão reveladora. A festa popular, o festejo de São José na vizinha cidade de Timon, é um evento que reúne a todos, ricos, remediados e pobres. Trata-se de um momento considerado como atenuante das diferenças sociais no qual todos gozam de uma “liberdade à vontade”. Entretanto uma contradição, pois tal liberdade que todos experimentavam acabava por ser permitida pela elite, pelas autoridades, que pela força de sua condição, “autorizam” permissivamente eventuais deslizos, fechando os olhos a tudo. Ou seja, as diferenças sociais não se apagam, apenas estão em suspensão temporária e sob o poder das autoridades. E os pobres, os comuns, se espalhavam sobre a permissividade temporária fruto da bendita festa do santo.

Outro momento revelador da reflexão sobre a condição de pobreza pode ser localizado no diálogo entre o queixoso negro Parente e Pau de Fumo sobre o desemprego no qual vivia:

[Parente:] – Miséria de rabo, negro velho. Vivo de cara pra cima, comendo vento, como se diz, sem ter o que fazer. Já meu filho está pra bem dizer nu. É bem triste a minha situação. E o pior é que ninguém vê a minha miséria.

[Pau de Fumo:] – Vê Parente. Ninguém faz é sentir a sua miséria.

[Parente:] – Pois vá lá que seja. Ninguém sente a minha desgraça. É a mesma coisa.

[Pau de Fumo:] – A mesma coisa, não. Pior. Pior, porque sinal de desengano. Se fosse só não ver, a gente ainda tinha qualquer coisa de sinal de esperança. Também pudera!... Os ricos, que nunca sofreram na vida, não sentem o quanto dói o sofrimento alheio. E os pobres, que jeito podem dar às nossas misérias?! Sofrem dos mesmos males. Paciência... Paciência, negro velho. Um dia pode ser que a roda gire para o nosso lado.

[Parente:] – Que roda?... De burros de carga nunca que a gente passa. A cuia do pobre só cai emborcada. E o pão com a manteiga pra baixo.

[Pau de Fumo:] – Dizendo besteira! Já se viu pão de pobre nesta terra com manteiga?! Pois olhe, eu sei que sou burro de carga. Mas sou como burro de carroça: só olho pra frente. Sou como sapo, Parente, embora no fogo, sempre com os olhos n'água (Ibid.: 64,65).

Parente sofria com o desemprego que o levou a fazer do bico de “pescador de defuntos” seu meio de vida. Um meio de vida incerto, pois dependia da má sorte dos outros, a maioria pobre como ele, que se aventuravam nas correntezas do Parnaíba e por lá ficavam. Ao falar de sua condição miserável, o personagem ressalta a quase nudez do filho. Além de tudo, ninguém – pobre, remediado ou rico – enxergava a sua miséria, pois bastaria olhar para constatar-la. Entretanto, Pau de Fumo, deixando emergir Chico da Benta, logo corrige o cálculo de Parente. A questão não era ver e sim sentir. Olhos destreinados ou desacostumados podem ver e não serem sensibilizados em espírito, tocados no coração. Aquele que sentisse, ou viesse a sentir na própria carne a miséria ou mesmo aquele que se deixasse tocar pela condição do outro, certamente teria outra conduta.

A falta de sensibilidade diante do pobre era sinal, para Pau de Fumo, de algo ainda pior: a desesperança. Com ricos insensíveis e pobres enredados na mesma condição que Parente e Pau de Fumo, a solução seria aguardar uma reviravolta do destino, ou seja, olhando para frente, cultivar a esperança nos dias vindouros.

Considerações finais

Ao por em destaque o cotidiano dos pobres de muitas maneiras, Fontes Ibiapina, em seu lugar de cronista tensionado entre a “tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005: 17) e, valendo-se do lugar privilegiado que ocupava, falava aos seus leitores de modo crítico a partir do seu olhar sobre a pobreza em Teresina. Ao fazer isso, rompe com a indistinção atribuída ao “pobre”, através de discursos elitistas sobre os sujeitos que vivenciam a pobreza. A abordagem realizada no romance força, portanto, a emergência de tais sujeitos como indivíduos que produzem e reproduzem a sua existência em meio às amarras da autoridade e dos poderes que atravessam a sociedade. A pobreza é comum aos personagens que vivem nos subúrbios, especialmente Palha de Arroz e Barrinha, mas é experimentada de modo diferente no desenrolar das existências individuais. Os fatos sociais que estão impregnados na narrativa filha de seu tempo tem, assim, uma função na estrutura da obra, tornando-a um todo indissolúvel, como observa Antônio Cândido (2006: 13-16), o que reforça a intenção do autor em destacar o cotidiano das relações sociais dos pobres, os problemas relacionados à existência material e moral de uma vida enredada entre a pobreza e a reflexão aguda sobre tal condição, através de Pau de Fumo/Chico da Benta.

Assim, *Palha de Arroz* nos faz refletir sobre os pressupostos que devem permear, sem dúvida, o trabalho do historiador, considerando as possibilidades históricas da existência de sujeitos que experimentaram semelhante caminhada sobre a lâmina afiada que é a vida dos pobres, sujeitos porventura observados e narrados em aguda ficção.

Referências Bibliográficas

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul, 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 197-216, jan./dez. 2000.

DARNTON, Robert. História e literatura. In.: *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOBAL, Hindemburgo. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina. In: *H. Dobal: obra completa II*. Teresina: Plug, 2007.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim*: vagabundos e miseráveis na literatura europeia (1400-1700). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. *Palha de Arroz*. Teresina: Oficina da Palavra, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

_____. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940. In.: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). *Histórias: de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. Integração da economia piauiense no mercado nordestino. In: *Evolução histórica da economia piauiense*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

Recebido em 10 de Outubro 2013/
Aprovado em 26 de Novembro 2013